

# HISTÓRIA ORAL E FRONTEIRA O CAMPO E A CIDADE NOS RELATOS DE MIGRANTES TRANSFRONTEIRIÇOS (1970-2000)

Jiani Fernando Langaro<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo propõe uma reflexão sobre as trajetórias, memórias e narrativas orais de trabalhadores migrantes transfronteiriços, que viveram parte de suas vidas no Paraguai e que, quando da realização da pesquisa (entre os anos de 2002 e 2003), moravam no Brasil, na cidade de Marechal Cândido Rondon-PR. Nesse período, trabalhavam em serviços braçais – muitas vezes informais e mal remunerados – e se encontravam em processo de alfabetização nas escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). A partir da metodologia de trabalho com história oral, se analisa as recordações produzidas por eles sobre a vida no meio rural do país vizinho, bem como suas experiências de inserção no ambiente urbano.

**Palavras-chave:** Brasiguaios; Brasil; Paraguai; EJA; Trabalhadores.

## ORAL HISTORY AND BORDER COUNTRYSIDE AND CITY ON CROSS-BORDER MIGRANTS' SPEECH (1970 – 2000)

**Abstract:** This article offers some ideas on memories, narratives and the journey of cross-border worker migrants, that lived part of their lives in Paraguay and that, in the conduct of the research (between 2002 and 2003), lived in Brazil, in Marechal Cândido Rondon – PR. During this period, they worked at – many times - low-paid and informal laborious activities, and were in literacy process in schools for youth and adult education. From the work methodology with oral history, it's possible to analyze the memories produced by them about their lives in the rural area of the neighboring country, as well as their experiences during their insertion in the urban area.

**Keywords:** Braziguaios; Brazil; Paraguay; EJA; Workers.

### Introdução

O texto discute as formas como trabalhadores brasileiros que viveram parte de suas vidas no Paraguai atribuem significado às suas trajetórias em ambos os países. Em específico, discutimos como eles recordam e narram as experiências vividas no meio rural do país vizinho e aquelas outras obtidas nas cidades do Brasil, para onde retornaram entre as décadas de 1990 e 2000.

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e doutor nesta mesma área pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Professor adjunto do curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Nossa problemática de estudo questiona até que ponto, para as pessoas com quem dialogamos na pesquisa, transpor a fronteira entre Paraguai e Brasil, retornando para este país, representou uma experiência de passagem entre o rural e o urbano. Nosso objetivo é realizar uma reflexão pautada nas premissas da História Social – servindo-nos da metodologia de trabalho da História Oral –, com foco nas relações sociais vividas por esses sujeitos em seu retorno ao Brasil. A partir disso, exploramos as relações que eles estabeleceram com a cidade, com o trabalho e com a cultura letrada, na busca por entender como as memórias do tempo vivido no campo, no país vizinho, expressam significados produzidos na experiência de retornar ao Brasil. Nesse aspecto, não tomaremos como foco as relações políticas entre Brasil e Paraguai, nem a etnicidade dos grupos residentes no país vizinho, tampouco os conflitos que pontuam a presença de brasileiros (proprietários da terra ou não) no outro lado da fronteira, uma vez que já existem pesquisadores preocupados com tais questões.<sup>2</sup>

Essa opção está relacionada com a pesquisa que originou este texto, a qual não era uma investigação específica sobre brasileiros que viveram no Paraguai. O estudo, desenvolvido entre os anos de 2002 e 2003, tinha como objetivo analisar as relações estabelecidas por alunos dos cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA) de Marechal Cândido Rondon com a cidade e o trabalho.<sup>3</sup> Na época, produzimos doze narrativas orais, dentre as quais se destacavam as de entrevistados que estavam em processo de alfabetização. A maioria destes, salvo raras exceções, era composta por brasileiros que haviam vivido, durante a infância e/ou adolescência, nas zonas rurais do Paraguai. É sobre as narrativas de três trabalhadores pertencentes a esse grupo que nos propomos a refletir neste texto, lançando outro olhar sobre seus relatos orais.

Saltam aos nossos olhos as formas como tais trabalhadores se recordam da mudança do meio rural no país vizinho para Marechal Cândido Rondon,<sup>4</sup> no Brasil, principalmente pelas maneiras positivas com que relembram o tempo vivido no campo, no Paraguai. Essa perspectiva difere de outros trabalhadores que viveram no país vizinho, contatados em pesquisa posterior (LANGARO, 2006) – que também não

---

<sup>2</sup> Entre eles: BALLER, 2008; SILVA, 2010; SPRANDEL, 2006.

<sup>3</sup> A pesquisa de Iniciação Científica intitulava-se **Escolarização, Trabalho e Vida Urbana em Marechal Cândido Rondon**, foi financiada pelo PIBIC/UNIOESTE/PRPPG e orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geni Rosa Duarte, do Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras da UNIOESTE; Esse estudo também se desdobrou em nosso trabalho de conclusão de curso: LANGARO, 2003.

<sup>4</sup> Marechal Cândido Rondon é um município paranaense na fronteira fluvial com o Paraguai. Possui população estimada (pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE) em 49.773 habitantes. A economia local gira em torno do agronegócio e da agroindústria. Sobre os dados populacionais ver: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2013.

objetivava tratar especificamente das relações fronteiriças –, os quais caracterizavam o tempo em que residiram no Paraguai de forma negativa.

Compreendemos que, dessas percepções, emergem duas “estruturas de sentimento” (WILLIAMS, 1979: 130-137) diferentes. Esse conceito foi esboçado por Raymond Williams para caracterizar o trabalho criativo de autores da literatura britânica diante de situações determinadas, vividas no momento da escrita. Com ele, explica o espaço de liberdade que as pessoas possuem, para ler e explicar a realidade, sem serem determinadas por forças que lhes fujam completamente ao controle, fazendo emergir, como resultado, novas formas de narrativa. Nas entrevistas orais dos trabalhadores ouvidos em nossas pesquisas foi possível mapear aquelas duas estruturas de sentimento com relação à vida no meio rural do país vizinho, pois, a despeito de as falas apresentarem temas comuns – como as dificuldades encontradas, a precariedade da infraestrutura e o trabalho braçal extenuante –, as formas de interpretar a realidade divergem entre si. Como afirmamos acima, em uma das estruturas de sentimento a tônica dos relatos fica por conta dos aspectos negativos – já problematizados em outro artigo (LANGARO, 2013) –, ao passo que na outra, os narradores consideram suas trajetórias no estrangeiro de maneira positiva, chegando alguns a tratar o tempo em que residiram fora do país como a “Idade do Ouro” (WILLIAMS, 1989: 64). Ambas se constituem em “linhas” explicativas – pois se repetem ao longo das entrevistas – sobre o cotidiano rural no leste do Paraguai, sendo o objetivo deste trabalho analisar a segunda perspectiva.

Os sujeitos com quem lidamos neste texto migraram para o país vizinho ainda crianças, acompanhando suas famílias. Posteriormente, quando eram adultos, retornaram ao Brasil, mais precisamente ao município de Marechal Cândido Rondon, estado do Paraná. Filhos de pequenos produtores rurais, no outro país também se tornaram empregados de fazendas, atividade que exerciam quando retornaram, em alguns casos combinada com o cultivo de áreas próprias. No Brasil, passaram a atuar em serviços braçais, alguns como diaristas, sendo mal remunerados e encarando as dificuldades surgidas em virtude de seu domínio precário sobre a linguagem escrita. Em sua maioria, passaram a residir nas áreas periféricas da cidade.

Os três narradores escolhidos para este trabalho são André,<sup>5</sup> Carlos<sup>6</sup> e Vanderlei. André contava 32 anos quando a entrevista foi realizada, em 28 de novembro de 2002, e

---

<sup>5</sup> Nome fictício.

<sup>6</sup> Nome fictício.

trabalhava como auxiliar de serviços gerais em uma empresa comercial de materiais de construção, onde montava portas. Emigrou para o Paraguai com aproximadamente dez anos de idade, para a região de Marangatú – distrito de Nueva Esperanza, departamento (província) de Canindeyú –, tendo retornado sete anos depois para fazer seu alistamento militar, no município paranaense de Vera Cruz do Oeste, onde residiu por dois anos, após os quais retornou ao Paraguai, para novamente deixá-lo aos 22 anos de idade, já casado e pai de duas crianças. Residia no bairro Jardim Ana Paula. Carlos contava 29 anos quando foi realizada a entrevista, em 07 de dezembro de 2002, trabalhava como metalúrgico e residia no bairro Jardim das Torres, periferia da zona urbana de Marechal Cândido Rondon. Emigrou para o Paraguai aos cinco anos de idade, acompanhando sua família. Também passou a residir na região de Marangatú, mais precisamente na localidade de Primeiro de Março, de onde saiu com vinte e seis anos de idade. Vanderlei, por sua vez, contava 28 anos quando da realização da entrevista, em 29 de novembro de 2002; estava desempregado, razão pela qual fazia “bicos”, geralmente trabalhando como servente de pedreiro diarista. Também residia no Jardim das Torres. Emigrou para o Paraguai quando contava aproximadamente dez anos, para a localidade de Troncal Quatro (atual *Nueva Esperanza*), distrito do departamento de *Canindeyú*, de onde saiu, para Marechal Cândido Rondon, com 24 anos de idade. Vale frisar que, quando realizamos as entrevistas, os três narradores estudavam na mesma escola e turma de Educação de Jovens e Adultos e, embora não fossem amigos íntimos, se conheciam e possuíam alguma relação.

É difícil conceituar o grupo a que pertencem essas pessoas cujas trajetórias incluem passagem pelo Paraguai. Alguns autores trabalham com a categoria “brasiguai”, como é o caso de Leandro Baller (2008) e Danusa Lourdes Guimarães da Silva (2010). Baller salienta as ambiguidades do termo, muitas vezes externo aos sujeitos e com fortes tendências homogeneizadoras. Como aponta, para intelectuais brasileiros, “brasiguai” designa os trabalhadores rurais – migrados para o Paraguai a partir da década de 1950, no interior de políticas de incentivo à imigração e à colonização do leste paraguaio, empreendidas durante a ditadura de Alfredo Stroessner – que, não conseguindo se manter no campo, retornam empobrecidos para o Brasil. No Paraguai, “brasiguai” é todo imigrante de origem brasileira, independentemente de classe social – incluindo, portanto, os latifundiários brasileiros que vivem no país –, noção compartilhada pela mídia brasileira. Silva, por sua vez, destaca a grande presença de trabalhadores pobres no outro lado da fronteira; pequenos produtores rurais, muitos

deles posseiros, que foram para lá entre as décadas de 1970 e 1980, a fim de trabalhar com culturas como a da hortelã ou incentivados por empresas colonizadoras, que cediam terras em troca do desmatamento. Com o processo de modernização do campo e o avanço da cultura da soja, seguida pela elevação do preço das terras, tais trabalhadores rurais foram pressionados a comprar as áreas cultivadas ou deixá-las. Sem condições de efetuar a compra, muitos retornaram ao Brasil, passaram a integrar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e a se identificar como “brasiguaios”. Na concepção da autora, o termo não é externo a tais sujeitos, mas uma denominação adotada por eles próprios como forma de identificação e de dar visibilidade às suas lutas.

Robson Laverdi, em estudo sobre as trajetórias de trabalhadores migrantes (entre as décadas de 1970 e 2000) residentes no município de Marechal Cândido Rondon, encontra alguns com passagens pelo Paraguai, movimento que o autor designa como “migrações transfronteiriças” (LAVERDI, 2005: 130), expressão que poderia ser uma possibilidade para designar tais pessoas. Márcia Anita Sprandel (2006), em artigo que discute o tema, aponta para o caráter homogeneizante do termo “brasiguai”, que abrange pessoas que vivem relações sociais muito díspares e se encontram em situações legais diversas no país vizinho. Trabalhando com o conceito de etnicidade, a autora propõe o uso dos termos “brasileiros na fronteira com o Paraguai”. Esse conceito, juntamente com o de Laverdi, se aproxima mais daquilo que verificamos nas narrativas dos trabalhadores entrevistados, pois em nenhum momento eles reivindicaram a identidade de “brasiguaios”, apresentando-se, antes, como cidadãos brasileiros que viveram parte de suas vidas no Paraguai.

De maneira semelhante, a conceituação de fronteira também não é algo simples. Como salienta Benedict Zientara, a fronteira não é simplesmente uma “linha” que divide países: “A linha da fronteira é portanto uma abstração que não tem existência real fora do mapa geográfico. Mesmo o confim entre a terra e o mar não é uma linha, mas sim uma orla ou margem traçada pelo mar” (ZIENTARA, 1989: 307). O autor propõe entender a fronteira como uma faixa que nem sempre é fixa, pois ao longo do tempo costuma movimentar-se, a depender do jogo de forças em seu entorno, sendo, portanto, historicamente construída. Por outro lado, não a vê como algo que sempre separa os grupos humanos, pois entende que os povos de fronteira podem torná-la um espaço de interação e até de identidade própria, a despeito dos estados nacionais em que estão inseridos.

Tais formulações vão ao encontro da concepção de fronteira elaborada por Antônio Marcos Myskiw (2009), ao estudar especificamente a fronteira do oeste do Paraná. Apoiado nas teses do norte-americano Frederick Jackson Turner e de José de Souza Martins, Myskiw também não entende fronteira como uma linha, mas como uma região de expansão da sociedade nacional.

As formulações de Zientara e Myskiw nos inspiram a não compreender a fronteira de maneira fixa, a partir de noções pré-formuladas, mas a procurar identificar sua própria dinâmica. Cremos ser útil pensá-la como “espaço praticado”, dentro da concepção elaborada por Michel de Certeau (2000: 202), buscando os significados que as pessoas que vivem na região de fronteira imprimem nela. Além disso, também compreendemos que sobre a fronteira entre dois países – no nosso caso, Brasil e Paraguai – muitas outras fronteiras se atravessam, como afirma Khoury:

Mais do que trabalhar fronteiras físicas e imaginárias, a partir de referenciais estabelecidos externamente aos processos sociais, o desafio é de pensar e explorar como elas se forjam e se realimentam, na natureza contraditória das relações sociais, como as pessoas as incorporam e as subvertem nas pressões e nos limites da vida diária, nos quais o próprio diálogo se insere. Percebendo como nós mesmos as delimitamos na investigação social, preferimos seguir a direção sugerida por [Antônio Augusto] Arantes, de observar como as pessoas transitam tacitamente em função de negociações e interesses socialmente situados e, assim fazendo, exploram, constroem e reordenam territórios e fronteiras simbólicas que as unem e as separam, com toda a ambigüidade e ambivalência (KHOURY, 2004: 127).

Ao analisar a fronteira Brasil-Paraguai, notamos que não são apenas questões legais, diplomáticas e nacionais que a atravessam, mas toda uma gama de produção de significados e de maneiras de viver. Cruzar de um lado para outro da fronteira significa, no caso dos nossos narradores, reconstruir sua cultura, mudar formas de se relacionar com o trabalho, com a moradia e com a própria vida cotidiana.

Cabe salientar que concebemos “cultura” como maneiras de viver (WILLIAMS, 1979: 25), concepção esboçada por Raymond Williams, entendendo-a não apenas como referência às belas artes ou ao imaginário, mas como a totalidade dos processos sociais que engendram a vida cotidiana. Também compreendemos que essas maneiras de viver estão em movimento, através da “experiência social” (THOMPSON, 1987: 9) dos sujeitos históricos.

Em coerência com essas premissas e para dar conta de nossos objetivos de pesquisa, utilizamos a metodologia de trabalho com fontes orais – o que nos leva a

refletir também sobre memória –, dentro das propostas de autores como Alessandro Portelli e Alistair Thomson.<sup>7</sup> O primeiro (PORTELLI, 1997b) nos ajuda a compreender a memória não como um simples armazenamento de informações, mas como uma construção social, dinâmica e complexa:

A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são – assim como as impressões digitais, ou, a bem da verdade, como as vozes – exatamente iguais. (PORTELLI, 1997b: 16).

O autor considera a memória como um “processo” (portanto, em constante movimento) individual (e não coletivo), porém, socialmente compartilhado, que possui sua base nas relações sociais experimentadas pelo narrador. Por isso toda narrativa oral é permeada pela subjetividade (PORTELLI, 1996), sendo esta a mediação entre a memória individual e os elementos que compõem o meio social em que o narrador vive. Portanto, de Portelli (1996), também incorporamos a preocupação com a subjetividade, entendendo que a maior riqueza de uma narrativa oral se encontra justamente na forma como o narrador organiza suas memórias e constrói sua interpretação (subjetiva, portanto) da realidade. Assim, conforme explica o autor, as pessoas ouvidas em uma pesquisa se tornam representativas não por serem a média de seu grupo, mas justamente por apresentarem possibilidades de compreensão e análise da realidade.

Alistair Thomson (1998), por sua vez, indica como a memória e as narrativas orais operam em meio a processos psicológicos e de consciência social, sem com isso deixar de entendê-las como processos ancorados nas relações sociais. Dessa maneira, situa os movimentos de recomposição da memória, em que o narrador reconstrói suas recordações à luz do presente como forma de lidar com as forças políticas e sociais que disputam as representações do passado, mas também para se sentir confortável no presente, haja vista que Thomson trabalha com grupos de ex-combatentes da Primeira Guerra Mundial e suas lembranças traumáticas.

---

<sup>7</sup> A esse respeito ver: PORTELLI, 1996; PORTELLI, 1997a; PORTELLI, 2004; PORTELLI, 1997b; PORTELLI, 1993; THOMSON, 1998; THOMSON, 1997.

Dessa maneira, nossa preocupação não é realizar um levantamento sobre como eram as condições de vida de nossos narradores em ambos os lados da fronteira, efetuando denúncias ou coisas do gênero, mas fazer uma análise sobre como diferentes trabalhadores vivenciaram os sucessivos deslocamentos através da fronteira, como experimentaram a vida nos lugares por onde passaram e como se relacionaram com o trabalho. Para tanto, dividimos o restante do texto em três tópicos; no primeiro discutimos as relações dessas pessoas com o Paraguai, vivenciado por elas como uma experiência com o rural; no segundo problematizamos as relações desses sujeitos com o urbano após seu retorno ao Brasil; por fim, redigimos um tópico conclusivo.

### **Visões sobre o Paraguai, experiências com o campo**

Raymond Williams (1989) aponta que campo e cidade não são categorias naturais, mas historicamente construídas. Conforme o autor, as imagens que associam a cidade ao progresso ou à degradação e o campo ao atraso ou ao bucólico se alternaram historicamente na literatura inglesa. Mais importante que isso, porém, é a concepção de Williams de que essas imagens são produzidas dentro de uma experiência social, como forma também de os diferentes escritores intervirem na realidade.

Dessa maneira, analisamos como o Paraguai foi vivido e narrado como uma experiência com o campo pelos três trabalhadores ouvidos na pesquisa e selecionados para este texto. Os três narradores possuem diversos pontos em comum em suas trajetórias de vida, como o fato de terem se deslocado para o Paraguai quando crianças, acompanhando suas famílias. Portanto, compõem um grupo de trabalhadores que cresceu no Paraguai, tendo retornado ao Brasil ainda jovens, por volta dos vinte anos de idade.

André, em sua entrevista, destaca que nasceu na região de Barracão, estado do Paraná. Sua família trabalhava no campo e mudava muito de local de moradia, sendo relatada a passagem por Santa Helena, no oeste paranaense, de onde se dirigiram para o país vizinho. Como afirma, seu pai era proprietário de uma pequena área rural e gostava de negociar suas terras, razão pela qual a família se mudava tanto. André foi para o Paraguai com dez anos de idade, como já informamos anteriormente, e, a princípio, trabalhou na propriedade de seu pai, vindo a atuar, mais tarde, em uma das fazendas da região.

Como fica perceptível em seu relato, André e sua família eram trabalhadores rurais pobres e as sucessivas mudanças refletem a busca por áreas maiores para o cultivo, atividade da qual dependia a sobrevivência do casal e dos seis filhos. Esse possivelmente foi o motivo que os levou a se transferirem para o Paraguai, onde viveram em condições bastante adversas nos primeiros tempos:

...nós fomos direto para o mato. Trabalhar na lavoura. Até que nós chegamos lá não tinha nenhum barraco em cima, o único barraco que [tinha] foi nós [que fizemos. Nós] cortávamos uma folha de coqueiro para colocar em cima de uma caieira de mato [conjunto de galhos] lá e [fomos] morar em baixo. Se você rolasse [dormindo, à noite], rolava para o meio do mato. Porque não tinha [paredes] né, e nós não éramos conhecidos nem nada, até que nós achamos um coqueiro, e derrubamos um pau e [tiramos] bastante tabuinha até que nós construímos uma casinha<sup>8</sup>. Só que daí nós já fomos com bastante mercadoria [mantimentos], e que... e chegamos lá e conseguimos fazer uma casinha, mas é rachando coqueiro, nossa casa era feita de coqueiro, coberta de tabuinha, nós achamos e puxamos lá e aí... e hã, na fazenda acho que trabalhei uns dois anos, depois de casado.

Adquirir terras no Paraguai, em região de mata virgem, foi uma forma de a família obter uma área maior para o cultivo, dando sequência ao movimento iniciado ainda no Brasil. No trecho anterior, André relata em detalhes as dificuldades para a fixação no local, selecionando passagens dos momentos iniciais decorridos após a mudança, quando tiveram de construir a casa de maneira improvisada, em meio à mata. Todavia, não procura tratar tal passagem de sua vida de modo dramático ou melancólico, mas sim como atestado da tenacidade própria e de sua família, como prova de quem lutou para sobreviver no campo.

Após o casamento, conforme relata, André passou a trabalhar em uma fazenda, embora mantivesse uma área de terras própria para seu cultivo. Essa combinação da manutenção da pequena propriedade rural e com o trabalho em fazendas e em outras áreas rurais de moradores vizinhos era comum na região entre trabalhadores rurais pequenos proprietários. Na fazenda, André era vigia do portão, atividade que revezava com sua esposa. Nas propriedades de vizinhos, trabalhava lavrando com junta de bois, um dos trabalhos mais árduos realizados no campo, cuja lembrança, juntamente com a menção ao desempenho dessa tarefa no Brasil desde os oito anos de idade, corrobora para que o narrador se apresente como um homem batalhador, que não deixava de realizar as lides do campo. Por outro lado, revela as condições sociais em que vivia,

---

<sup>8</sup> André comentou que as tabuinhas eram utilizadas para fazer o telhado e, ao redor da casa, eram usadas as folhas de coqueiros.

realizando trabalhos braçais árduos, ao mesmo tempo em que não conseguiu acumular capitais para adquirir um trator e implementos mecânicos necessários a tais trabalhos. A combinação de atividades próprias do proprietário rural e do prestador de serviços/empregado revela a dificuldade da família em se reproduzir no campo, enquanto proprietários rurais.

Tais elementos, associados aos relatos das adversidades vividas nos primeiros tempos de instalação na região, compõem um enredo comum entre brasileiros que viveram no Paraguai, muitos dos quais concentram suas falas nas dificuldades vividas no outro país. Nesse aspecto, é emblemática a narrativa de André sobre os serviços de saúde na região em que vivia:

...e era muito difícil de morar lá. Que nem aquelas criações [vacas] que nós tínhamos lá, depois pegaram aftosa, daí que nem essa aqui [refere-se à filha] chegou a pegar até aftosa na boca dela. Tomava o leite da vaca e tudo, e tudo era para o lado de cá [da fronteira, no Brasil], e para o lado de lá não tinha nada, nem um comprimido para..., mas não tinha né, era tudo para o lado de cá, então que nós decidimos vir embora para cá. **Então não tinha, [se] alguém ficasse doente assim, alguma coisa que não era muito grave, o que acontecia?** [...] [Caso alguém passasse mal] Ou você tinha que andar umas três horas a cavalo até chegar onde tinha um boteco para você comprar um doril, um anador, era a única coisa que tinha era isso daí, outra coisa não tinha.<sup>9</sup> Qualquer coisinha que passava meio mal era para o lado de cá. E se vai assim, que nem você pegava, que nem lá na fazenda tinha que a Toyota que..., vai, toca de pagar um carro, toca de pagar um barco especial, que nem eu..., não tem hora do barco ali certinho, se está meio mal. Que nem aquela vez nós tivemos que pagar, porquê já tinha passado a hora de balsa, do barco. Aí se torna muito caro<sup>10</sup>.

Como veremos adiante, André resolveu voltar para o Brasil após um incidente que colocou em risco a vida de uma das suas filhas, a qual necessitou de socorro médico. O episódio – que se tornou um marco em sua trajetória de vida – influencia toda sua visão sobre as questões médicas e de saúde no país vizinho, levando-o a exagerar no quadro de limitações que pinta, ao afirmar que sequer havia comprimidos a venda naquele local, informação que retifica logo em seguida. Como observamos em

---

<sup>9</sup> Conversando com o entrevistado, este me informou que quando existiam problemas mais leves, como cobeiros e vermes, eles recorriam às benzedeadas. A esposa do entrevistado informou que ainda naquele momento, se uma criança tem medo, como do escuro, recorrem às benzedeadas.

<sup>10</sup> André comentou que somente conseguiu levar a filha ao hospital – após um incidente, sobre o qual tratamos melhor adiante – porque a fazenda forneceu de graça uma caminhonete para levá-la à farmácia no Paraguai e, depois, ao porto. Comentou que o “patrão” lhe adiantou cinquenta mil guaranis, os quais utilizou para pagar as despesas no Brasil e ainda o motorista da caminhonete garantiu o pagamento da viagem de barco, porque João não tinha dinheiro para pagá-lo na hora. O entrevistado comentou, ainda, que demorou em torno de dois meses para pagar o adiantamento ao “patrão”.

outros relatos de trabalhadores brasileiros que viveram no Paraguai (LANGARO, 2013), o narrador compõe tal enredo como uma forma de destacar que a mudança para o Brasil não foi motivada pela falta de força de vontade e de disciplina de trabalho no campo – valores nutridos pelos trabalhadores rurais – ou mesmo pela rejeição ao trabalho braçal pesado, mas pelas difíceis condições de vida encontradas na zona rural do outro lado da fronteira.

Carlos, por sua vez, é natural de Bom Destino, estado do Espírito Santo, lugar que sua família deixou para se dirigir a São Paulo, onde seu pai possuía um amigo; lá moraram por pouco tempo, tendo a família se deslocado para Marechal Cândido Rondon, no Paraná, a fim de trabalhar no cultivo de hortelã, muito forte na região durante a década de 1970.

Os horteleiros atuavam como trabalhadores rurais não proprietários, razão pela qual a atividade foi alternativa de sobrevivência para muitos que se destinavam ao oeste do Paraná. Em pouco tempo, porém, essa cultura exauriu os solos, razão pela qual seu cultivo prosseguiu no outro lado da fronteira.

Porém, não foi esse o motivo da mudança para o exterior, na visão de Carlos. Ele situa a decisão de sua família de deixar o país como parte das consequências do falecimento de seu pai, pois se tornou muito difícil para a mãe e os irmãos mais velhos sustentarem a família em Marechal Cândido Rondon. Dessa maneira, eles se dirigiram para a região de Marangatú, no Paraguai, onde viveram na zona rural. Lá possuíam uma área de terras – na época da entrevista, eram sete alqueires paulistas, administrados pelo irmão de Carlos – para o cultivo da família. Mas aos quatorze anos, o entrevistado passou a trabalhar nas fazendas da redondeza, chegando a atuar como tratorista, a fim de obter uma renda própria. Ali permaneceu até os 26 anos, quando emigrou para o Brasil, em circunstâncias que veremos adiante.

Carlos recorda de forma bastante positiva esse período de sua vida em que trabalhou nas fazendas e vivia na zona rural do país vizinho. Ele caracteriza essa fase da seguinte maneira: “...Era boi berrando... e... roça plantando... e... a gente... motosserra derrubando mato...”. Adiante completa tal quadro, destacando: “...já recebia lá a cada seis meses ia chegar o pagamento, né. Daí a gente já perdia, então, um pouco dos dias que tinha marcado, né. [O patrão] Chegava, fazia uma festa, e... pagava... saía”. Como observamos, as tensões nas relações de trabalho – como os dias de serviço (marcados) e não pagos – são deixadas de lado e o que prevalece no relato são as relações amistosas, construídas a partir das imagens das festas que o patrão fazia para os empregados,

quando do pagamento. Colabora com tal perspectiva o quadro traçado por Carlos na primeira citação – que prepara o terreno para as afirmações seguintes –, na qual apresenta o ambiente da fazenda como um lugar ordenado, em que a natureza domada (as vacas) ou em processo de conquista (a floresta sendo derrubada pelas motosserras) e os seres humanos compõem uma mesma dimensão, colocando o trabalho no campo em primeiro plano, acima das divisões sociais. Em certos momentos esse painel evolui para a construção de uma paisagem bucólica:

Olha... era um lugar muito [...] era muito mato. Caça, o que tinha mesmo... a comida, mesmo, que era nativa, né, igual de bugre [indígenas]... caça. **Vocês caçavam bastante?** Caçava. Com... não era com cachorro era... corria atrás do bicho e pegava ele na... na esquina assim [riso] e metia uns paus nele, matava e... estava pronto o almoço, ali, para um... tinha carne para a semana... [...] era... divertido. Daí foi chegando os fazendeiros, foi desmatando, e... a turma, ia caçava mesmo e aquilo ali era... fartura, cara... Era bom mesmo. É a mesma coisa que tiver no... ter um monte, assim, de criação [boiada] e tu escolher um para matar aí, ó. Daí era... matava um já estava a festa. **Legal, então?** Era... Pescar também. E... quando ele na ro[ça]... fazia aquele... não precisava fazer muita roça. Plantava lá para criar porco e galinha... e... vivia aquilo na naquela festa, mesmo.

Ao responder nossa questão sobre como foi sua infância no leste do Paraguai, Carlos nos relata o período anterior ao trabalho nas fazendas, quando vivia na propriedade da família. Como se percebe, sua perspectiva é extremamente otimista, apresentando tal período como uma espécie de “paraíso perdido”, tratando a caça e o trabalho no campo como uma “festa”. Nesse aspecto, vale lembrar que a caça praticada por Carlos, seus irmãos e amigos tinha como objetivo também obter alimentos para suas famílias, ou seja, era praticada para a sobrevivência e não apenas por esporte. O trabalho no campo, posteriormente, quando já estavam estabelecidos, com as “criações” (bois, porcos e galinhas), é um serviço que exige certo esforço, mas, a exemplo da caça, também é apresentada com contornos nostálgicos, como “festa”.

Importa-nos compreender a experiência social em que tais lembranças são recompostas. O período da infância e começo da adolescência é lembrado de forma nostálgica, sentimento que difere daquele com que Carlos narra a vida na fazenda, que, embora também seja recordada de forma positiva, está imersa em um sentido de ordem que abarca natureza e seres humanos, conforme apontamos anteriormente. Essas memórias podem indicar a diferença vivenciada pelo narrador no regime e na disciplina de trabalho, na medida em que passa a laborar fora do círculo familiar e do ambiente doméstico, embora isso não seja narrado como uma ruptura em sua vida. Tal quadro –

de certa forma romântico – traçado por Carlos para o período em que viveu no Paraguai possivelmente emergiu como um contraponto às formas adversas como ele se inseriu no universo urbano, conforme veremos no próximo subitem.

Portanto, as memórias de nossos narradores são respostas à realidade em que vivem, através das quais desenvolvem processos de suas consciências e formulam horizontes possíveis para seus futuros.

Outra narrativa que vai ao encontro da perspectiva de Carlos é a de Vanderlei, natural de Saudades, estado de Santa Catarina, também integrante de uma família de seis irmãos que migrou para o leste do Paraguai – localidade de Troncal Quatro – após o falecimento de seu pai. Conforme aponta, também pertencia a uma família de pequenos produtores rurais, que, com custos, procurou manter-se no campo.

A mudança para o Paraguai possivelmente teve o intento de ampliar a propriedade da família, uma vez que, como o núcleo familiar dos demais narradores, o de Vanderlei emigrou para o leste do Paraguai na década de 1970, quando ocorria no Brasil o processo de modernização do campo, inviável nas propriedades muito diminutas. Aquela região do país vizinho foi destino comum de muitos trabalhadores rurais que vendiam suas pequenas propriedades para comprar outras áreas, um pouco maiores, no Paraguai (SILVA, 2010: 15).

Interessante observar que a narrativa de Vanderlei funde elementos que também se encontram nos relatos de André e Carlos, fusão essa criativa, que torna duas perspectivas díspares um todo coerente. É assim quando relata a vida no Paraguai, atendendo a questionamento nosso:

...quando nós morávamos lá... [no Paraguai], lá para sair para a cidade tinha que sair em corredorzinho que nem bicicleta não passava ali. Era só o... corredorzinho para tu passar a pé. Era ruim assim, era ruim porquê..., para tu ver um morador tu tinha que ir como que daqui até Quatro Pontes [município vizinho, situado à aproximadamente 10 km], para ver um morador, né... os mais perto, mais... assim eram, não era tão fácil também. Só que tu pega o... jeito do interior [zona rural]. É..., que nem choveu... e lá, choveu tu não faz nada, e anda para cima, para baixo, caçando e... meio jogando bola [futebol]. Única coisa que eles jogavam lá, brincavam assim de esporte, assim, era bola. Só. Bola, de... jogava baralho, só..., também né..., mas é... uma coisa assim que... não era fácil de viver assim, mas..., o cara que nunca foi, no interior, mas para quem morava que nem nós já era do interior, para nós..., não ligava nada. Para chegar lá onde que nós chegamos uma vez que nós chegamos com a mudança, nós chegamos de... de a pé, né... nem carro não entrava, nada, nada. Tinha que colocar tudo nas costas e levar. Se não é... uma coisa que... você, você deve de ir sozinho e faz, faz o... os negócios assim. É, no Paraguai muita gente fala que é ruim, é, porquê é isso e aquilo é aquilo é isso..., eu acho que

não, o Paraguai é a mesma... mesma coisa que estar na colônia [zona rural] aqui, também..., na colônia aqui se tu tiver... ser um, um, que eu digo um colono forte [classe média ou rico] tu tem como... se virar, mas se for um colono fraco [pobre] tu não tem como. Que para comprar uma semente, comprar o... alguma coisa assim... você sempre tem que ter dinheiro e se tu não tem dinheiro tu não tem nada. Então é que nem lá, lá também..., né uma coisa que se se tu tem com que se virar... você vive tranquilo também (...) Eu gostei de morar no Paraguai, eu tenho minha irmã que mora lá ainda e tudo..., né..., mas de vez em quando eu viajo, vou para lá... passear..., sempre... vou para lá..., mas é... por enquanto vou ficar na cidade [de Marechal Cândido Rondon], vou ver o que vai dar.

O narrador apresenta a zona rural do leste do Paraguai, onde viveu com a família, dentro dos temas que são clichês entre os brasileiros que viveram no campo do outro lado da fronteira, como o isolamento do local onde moravam, o contato com a mata e demais dificuldades enfrentadas para ali se estabelecer. Porém, tais elementos não compõem um enredo de degradação – como ocorre em outras narrativas que produzimos em pesquisa anterior (LANGARO, 2013) –, uma vez que sua fala muda de rumo e Vanderlei passa a elencar os pontos positivos da vida que levou naquele local. Cita as diferentes formas de lazer, além de apresentar aquela sociedade como não dominada pelo materialismo e pelo jogo de aparências, características que compreende serem típicas do universo urbano de Marechal Cândido Rondon.

Nesse momento, notamos uma contraposição entre o passado, vivido na zona rural do leste do Paraguai, e o presente em que o narrador vivia em Marechal Cândido Rondon. Na cidade brasileira, Vanderlei era servente de pedreiro diarista – ou seja, vivia “de bico” –, residia na periferia e encontrava-se em processo de alfabetização. É nesse ambiente, marcado pelo peso das hierarquias sociais, que ele também recorda o período anterior à mudança, focando em temas como o da simplicidade daquele ambiente, onde se sentia mais a vontade e com o qual se identificava. Assim, demonstra cuidado ao falar dos problemas vivenciados no país vizinho, evitando lançar um olhar estereotipado sobre aquela realidade e enfatizando que gostava de morar lá, a despeito de ter se mudado, em circunstâncias que veremos adiante.

Dessa maneira, ao comparar ambos os países, efetua uma reflexão baseada nas relações sociais, concluindo por não existir diferença entre viver num ou noutro país, sendo preponderante apenas a desigualdade social experimentada pelos agricultores – em ambos os lados da fronteira –, já que alguns dispõem de capitais para reproduzir, enquanto outros não.

Sua identificação com o país vizinho é tamanha que, em seu relato, chega a destacar que a decisão de se mudar para lá foi sua, tomada aos dez anos de idade, em virtude do sofrimento pela perda do pai, que havia sido sepultado na “vila” próxima da propriedade da família. Nesse local, o luto era constantemente sentido e lembrado, pois os filhos menores faziam visitas ao túmulo, seguidas de muito choro e sofrimento. Por essa razão, ele e seus irmãos teriam deixado de frequentar a escola – situada na mesma vila – e decidido se mudar para o Paraguai:

Daí depois, morreu o finado pai também, aí desacorçou [desmotivou de estudar] nós, também... que nós éramos todos pequenos aquela vez. [...] Daí pensei: “vamos vender as terras, aí”, falavam muito do Paraguai que era muito bom. Falei: “vamos... andar para lá, vamos ver como é que é”. Daí vimos para o Paraguai, daí do Paraguai mudamos para cá... e estamos até hoje aqui.

Nessa passagem, evidentemente, estamos diante de uma construção da memória do narrador, que se coloca como sujeito da decisão de emigrar para o Paraguai com toda a família. Entretanto, cremos que essa construção não seja fortuita, mas reveladora da forma como o narrador aprova essa decisão da família, recompondo suas memórias – de maneira fictícia – e assumindo o lugar de quem decidiu sozinho o destino de todos. Assim, em suas recordações, os motivos para a mudança estão ligados à perda do pai, ficando de lado a possível necessidade de a família encontrar nova área para cultivo.

Em suma, constatamos diferentes formas de os narradores lembrarem o Paraguai. Nas recordações de André, no país vizinho era possível desenvolver suas atividades como agricultor – com as quais muito se identifica –; porém, destaca a falta de recursos (médicos, principalmente) e as distâncias para se chegar até onde estes eram oferecidos, o que implicava em riscos para a criação de suas filhas. Por sua vez, Carlos e Vanderlei lembram o leste do Paraguai de forma extremamente positiva, como espaço de trabalho e de vida com o qual se identificavam. Com contornos nostálgicos, matizados por recordações da infância, apresentam aquela região como um local bom e divertido, embora não ignorem as dificuldades lá encontradas. Em comum, os três associam o Paraguai ao rural, o que é coerente com a experiência de quem atuou naquele espaço como trabalhador do campo. Além disso, evitam tratar o país vizinho de forma estereotipada, como um lugar onde seria impossível viver.

Porém, resta-nos equacionar diversas questões, dentre elas: o que leva esses diferentes narradores a produzirem tais memórias sobre o tempo vivido no leste do Paraguai? Cremos que as respostas estejam nas experiências de vida desses

trabalhadores, principalmente aquelas vividas nos momentos em que produzimos suas narrativas orais e que estão ligadas com suas vivências já no espaço urbano de Marechal Cândido Rondon.

### **Visões sobre o Brasil, vivenciando a cidade**

Como já afirmamos, atravessar a fronteira significou para os três narradores uma passagem do campo para a cidade, sendo essa contraposição constante em suas entrevistas, como sugere a fala de Vanderlei, citada anteriormente. Nesse aspecto, cabe frisar que optamos por estudar a cidade a partir da cultura urbana, da forma como propõe Déa Ribeiro Fenelon (2000: 6). De acordo com a autora, precisamos observar as cidades não apenas como o resultado de projetos políticos e de planos de urbanistas, mas como espaço onde se desenvolvem as maneiras de viver e os conflitos sociais dos diferentes moradores. Dessa forma, pensamos em como os trabalhadores entrevistados na pesquisa vivenciaram o processo de retorno ao Brasil, mais precisamente, procuramos compreender como ficaram suas vidas na cidade, as novas relações de trabalho estabelecidas e suas adaptações.

Importa salientar que todos os narradores afirmam ter voltado ao Brasil para se juntarem às famílias, que já residiam aqui. Apesar disso, Carlos e André frisam as dificuldades de viver no Paraguai, principalmente pela falta de recursos médicos. Ficar doente, sofrer um acidente ou passar por qualquer emergência e morrer a caminho do hospital foram possibilidades tratadas por eles, em suas consciências.

Vale frisar que muitos desses brasileiros que foram viver no Paraguai continuaram extremamente ligados ao Brasil, através das cidades fronteiriças. Em muitos casos – como nos dos narradores deste trabalho –, os centros urbanos no lado brasileiro da fronteira eram mais próximos ou de mais fácil acesso que aqueles do próprio Paraguai, cujas rodovias, na maior parte do tempo em que eles viveram lá, ainda não eram pavimentadas e nem havia transporte regular ligando as diferentes localidades. Por outro lado, sabemos que muitos dos emigrantes que se dirigiram ao Paraguai o fizeram sem documentação, aproveitando o pouco controle intencionalmente realizado pelas autoridades do país vizinho, com o objetivo de viabilizar o aumento da mão de obra para o desmatamento e o trabalho no campo. Essas pessoas, por sua vez, possuíam mobilidade limitada dentro daquele país, sendo essa uma das razões para que muitas delas optassem por se dirigir ao Brasil, quando necessitavam fazer compras, ir ao

médico ou ao dentista. Outra questão é que, após a criação do SUS (Sistema Único de Saúde), tais populações encontravam atendimento médico gratuito no Brasil, coisa que ainda não existe no Paraguai.

Sobre essas questões, André torna um incidente ocorrido com uma de suas filhas, quando criança, um marco de sua mudança para Marechal Cândido Rondon, pois, como relatou, ela engoliu uma peça de rádio e por pouco não faleceu. Foi então que sua esposa decidiu se mudar para a cidade, onde já residiam outros familiares dela:

É, que nem ela [a esposa] veio, só que ela não sabia certeza que nós iríamos vir né [...] nós estávamos bem, nós tínhamos terra lá, tínhamos boi, tínhamos vaca, daí... como aconteceu aquilo lá com a minha menina nós paramos, pensamos: “bá, vai que..., aqui não tem recurso, aqui você...”, toda sorte foi que a tampinha da, do radinho, nós colocamos de enfiar o dedo torcer do radinho, mas ficou na garganta dela até que ela veio para cá. Daí quando nós pensamos “não, vamos embora”...

Nesse momento, André frisa que, apesar dos problemas enfrentados no leste do Paraguai, suas condições de vida não eram ruins, citando em detalhes os animais que possuíam, o que reforça a ideia de fartura. A princípio, pode-se supor que tal fator o teria impellido a refletir melhor sobre a possibilidade de deixar o país vizinho, muito embora provavelmente seja uma construção de sua memória, uma análise feita posteriormente, pois adiante veremos que a mudança não se deu de forma tão planejada – sendo preponderante o incidente em que sua filha quase morreu asfixiada, episódio que revelou os riscos de viver em um local onde faltam recursos médicos acessíveis. De qualquer maneira, aponta que o ato de deixar aquele país foi uma opção, ou seja, o narrador não se percebe como alguém que fora expulso do Paraguai em virtude da precariedade da região, postura que também notamos em outros relatos, produzidos com outros trabalhadores. André procura destacar que tal opção se deu em virtude da diligência dele e da esposa para com as filhas.

Ao relatar o processo de mudança, o narrador destaca como sua esposa foi central na decisão de deixar o Paraguai. Segundo narra, ela veio acompanhar a filha hospitalizada, em Marechal Cândido Rondon, onde já morava a mãe dela e demais parentes. A família de André já mantinha vínculos com essa cidade, pois em seus cartórios registraram as filhas, para que tivessem cidadania brasileira. A esposa aproveitou a viagem para organizar a mudança:

...um dia desses sem eu conhecer a cidade sem nada, chegamos, cheguei a... daí [a esposa propôs:] “vamos embora[?]”, falei: “vamos”, vendemos nossas coisinhas lá, nós tínhamos criações, nós tínhamos

porcos, “vamos embora para a cidade[?]”, “vamos”. Cheguei na Rodoviária ali: “vamos agora para onde?”. A mulher falou: “tem uma casa lá na...”, ela já tinha vindo, eu nunca tinha vindo em [Marechal Cândido] Rondon. Daí ela falou: “tem uma casa lá embaixo que eu deixei meio alugada, vamos lá dar uma olhada?” “vamos”. Aí pegamos e fomos lá... Daí, chegamos lá, alugamos a casa e ficamos morando lá.

Nessa passagem, André relata sua mudança, apresentando-a como uma decisão repentina, embora firmemente tomada e conduzida por sua esposa. O protagonismo da mulher possui um sentido na narrativa, pois André, apesar de aprovar o deslocamento da família para o Brasil, guarda um grande apressamento ao campo e à vida rural, razão pela qual possivelmente ele optara por colocar-se como quem aderiu à proposta, e não como quem a elaborou. Isso porque entre os trabalhadores do campo da região, proprietários ou não, existe uma crítica aos que resolvem se dirigir à cidade, não raro sendo acusados de comodismo.

Posteriormente, ele narra como foi improvisando sua vida no novo local e como passou por dificuldades nos primeiros tempos, trabalhando em serviços braçais, inclusive como diarista.

A mudança para Marechal Cândido Rondon não foi, para André, a primeira experiência de retorno ao Brasil. Aos 17 anos, ele se mudou para Vera Cruz do Oeste, no oeste do Paraná, onde possuía parentes, para se alistar no exército. Tal fator revela como ele, assim como a maioria dos brasileiros que se dirigiram ao país vizinho, procurou manter sua cidadania como brasileiro, deixando a documentação em dia.

Para além disso, constatamos que André residiu naquele local por dois anos, mesmo não tendo servido ao exército, o que revela uma primeira tentativa de retorno ao Brasil, talvez como forma de buscar uma alternativa, já que não haveria terras para ele e todos os irmãos cultivarem no Paraguai. Na cidade, foi morar em um pensionato e trabalhou em diferentes atividades, como a agricultura, na produção de café, milho e hortaliças, estas vendidas por seu patrão na feira. Depois, optou por retornar ao leste do Paraguai, afirmando que o pesado trabalho que desenvolvia para agricultores de Vera Cruz do Oeste – algumas vezes como trabalhador volante, “boia-fria” – não compensava.

Tal experiência nos revela os limites dos discursos sobre a precariedade e inviabilidade de se viver no país vizinho, que, muitas vezes, contribuem para propagar uma visão estereotipada daquele país. O caso de André indica claramente como, a despeito das adversidades, tal ambiente é experimentado de diferentes formas pelas

peessoas. Assim, voltar ao Brasil não é retornar à “terra prometida”, mas buscar alternativas de sobrevivência, nem sempre mais viáveis que permanecer na zona rural do país vizinho.

Os limites dessa visão de “*El Dorado*”, projetada não somente sobre o Brasil, mas também divulgadas pelos governos das cidades do oeste paranaense sobre seus municípios, também podem ser constatados na trajetória de Carlos, que, antes de se mudar para Marechal Cândido Rondon, residiu em Toledo e em diversas outras cidades e estados brasileiros. Como aponta, optou por Marechal Cândido Rondon pelo fato de sua irmã já residir ali, indo morar com ela depois de encontrar dificuldades para conseguir emprego em outros locais, em virtude de seu analfabetismo. Ter um local para morar significa certa segurança para quem nem sempre dispõe de emprego regular.

Vanderlei, entretanto, narra de maneira diferente sua mudança, pois, segundo afirma, resolveu deixar o Paraguai por causa de sua família (mãe e irmãos), que já estavam em Marechal Cândido Rondon: “eles que me foram buscar, se não não tinha vindo não..., porque eu gostava daquele lugar lá”. Como observamos, o narrador aponta que se mudou a contragosto, por pressão da família, revelando tais tensões no processo de deslocamento dos trabalhadores pela fronteira. Através de sua narrativa, constatamos que ele possuía certa dificuldade em se adaptar no novo ambiente, razão pela qual não via a mudança de forma positiva.

As dificuldades vividas pelos narradores em suas mudanças para Marechal Cândido Rondon, como o trabalho precário, sem registro em carteira, as atividades braçais extenuantes – na construção civil, em indústrias locais (como carregadores) e como trabalhadores rurais volantes, muitas vezes recebendo por dia – foram experiências que compuseram a vida dessas pessoas. Porém, no caso de André, Carlos e Vanderlei, existe um agravante para tal quadro: seu baixo letramento.

A necessidade de alfabetização é mais percebida por eles no âmbito do trabalho do que no do viver urbano em Marechal Cândido Rondon, pois, apesar de apontarem para certas dificuldades, dentre as quais encontrar endereços – por não conseguirem ler placas<sup>11</sup> –; a impossibilidade de fazer anotações – como as necessárias para redigir uma lista de compras –, e apesar de entenderem a cidade como algo profundamente diferente daquilo que viviam no campo, no leste do Paraguai, as dificuldades para obter postos de

---

<sup>11</sup> Vale frisar que o sistema de transporte público da cidade é muito limitado e pouco usado pela população. Os trabalhadores da periferia da cidade costumam se dirigir para o trabalho de bicicleta, transporte incentivado localmente, com a construção de algumas ciclovias nas principais avenidas.

trabalho é o fator decisivo, que os leva a buscar a Educação de Jovens e Adultos. As dificuldades começam na própria busca por serviço, quando é necessário preencher fichas de solicitação de emprego, como afirma Vanderlei:

Essa..., o dia que eu fui mesmo na firma fazer... a ficha, eu peguei a ficha para, para vir preencher... e eu trouxe [e] outro preencheu para mim, daí quando eu levei na, na empresa para pegar serviço, apresentei a carteira [de trabalho] eles já não aceitaram: “não é porquê você não tem estudo..., já fica difícil para nós, mesmo que nós queríamos pegar, não podemos pegar por causa do estudo, porque... se tu não, não assina o nome, não... não tem como nós pegar, assim para, para assinar assim qualquer coisa, você não tem com que assinar. Então daí..., né, fica difícil para você e... para nós também”. Tu daí..., fazer o que, já perdi o serviço na primeira [...] assim sem estudo, em firma nenhuma passa. [Estou] trabalhando por dia, por enquanto.

O narrador destaca como deixou de conseguir um emprego por não saber assinar o nome. Conforme percebemos nas narrativas, mesmo que as atividades a serem desenvolvidas pelo trabalhador não requeiram domínio da linguagem escrita, as empresas são resistentes a contratar quem não sabe ler e escrever, alegando dificuldades em lidar com a documentação referente ao próprio vínculo empregatício. Mentir sobre o nível de escolaridade ou omitir a condição de analfabeto – procurando preencher “fichas” onde o sistema seja informatizado e exista um digitador para realizar tal tarefa ou mesmo levá-las para casa, a fim de que outra pessoa a preencha, como na situação narrada – são “táticas” (CERTEAU, 2000: 100-102) muito comuns entre esses trabalhadores.

Ser capaz de preencher uma “ficha” de solicitação de emprego possui um significado muito grande no universo desses trabalhadores. Significa conseguir emprego em uma empresa, com salário fixo mensal, deixando de ser dependente dos postos de trabalho ofertados por mestres de obras independentes ou “gatos” (agenciadores de trabalho rural), nos quais recebem como diaristas, o que representa um risco, pois não possuem renda garantida. Saber preencher uma “ficha” ou assinar o nome representa atravessar uma fronteira, para esses trabalhadores, entre o emprego formal e o informal.

Situações semelhantes foram vividas por André, em seu trabalho. Seu relato, no entanto, revela que a labuta diária e a vida na cidade não podem ser dissociadas e como o domínio da linguagem escrita fez parte das vivências desses trabalhadores, ao retornarem ao Brasil:

...não, isso aqui... dificuldade sempre tinha, e... muitas coisas que nem eu faço entrega com um tratorzinho, por perto, a gente, então pega... entreguinha pequena ou de trator, levar uma lata de tinta [o chefe dizia]: “você vai tal rua assim e assim”. A maioria eu pensava assim:

“eu vou achar essa rua como?”. Aí de vez em quando perguntava para um colega meu assim, “onde que fica essa rua?” ele [um colega de trabalho] falou: “não, você vai assim, assim” ele me ensinava mais ou menos. Aí eu já não demonstrava para o meu chefe que eu não sabia ler, que ele não sabe que eu não sei ler assim bastante. Um pouco ele sabe, eu perguntava meio escondido: “onde fica tal rua assim e assim?” Ele falou: “não, você vai assim e assim” e me ensinava, e eu chegava lá. Ou de bicicleta, que nem a firma tem uma bicicletinha de carguinha lá para a gente ir... eu ia lá. Mas só que dava serviço, tinha vez que eu passava duas vezes em frente da casa e nem os números... você nem, não conseguia achar. Achava a rua e não achava o número da casa. E passava umas duas ou três vezes até que conseguia chegar. Você levava lá que nem uma lata de tinta, outras coisas, como é que você vai explicar para o cliente: “uma lata de tinta, um piso”, não tinha como você explicar, eu não sabia ler. Isso que me, que me ah... sei lá, que me preocupava... e hoje não, depois que eu comecei ler, prestei atenção e até agora há pouco eu estava com meu caderno na mão ali... melhorou bastante.

Em outro momento de sua entrevista, André revela que mentiu para seu chefe sobre seu nível de escolaridade, razão pela qual este não sabia de sua precariedade em lidar com a linguagem escrita e pedia para que ele realizasse certas tarefas que exigiam algum grau de letramento. No trecho anterior, o narrador revela algumas táticas empregadas para manter seu trabalho e também para conseguir executar as tarefas que lhe eram exigidas. Nesse caso, pedia ajuda aos colegas para localizar os endereços, mesmo sem conseguir ler as placas com os nomes das ruas e nem o número das casas. Localmente, é muito comum os moradores se orientarem por pontos de referência, ao invés de nomes de ruas e números de residências e estabelecimentos, prática que seguramente auxiliou André a superar os obstáculos encontrados em seu trabalho.

Vale lembrar também que tais dificuldades somente são citadas por serem consideradas pelos narradores como parte de um passado findo, o que fica bem evidente ao final do trecho citado. Alguns narradores apontavam a todo o momento que já não viviam essas dificuldades, muito embora, em certos casos, ficasse visível que tal quadro se arrastava ainda pelo presente, como no caso de Vanderlei, que ainda possuía dificuldade para assinar o nome, como constatamos ao solicitar-lhe que assinasse a transcrição da entrevista e o termo de cessão da narrativa oral.

Salta aos nossos olhos também como a solidariedade de amigos e parentes foi importante para o estabelecimento desses trabalhadores em Marechal Cândido Rondon. Ela se faz presente não apenas nos momentos em que é preciso preencher uma “ficha” de solicitação de emprego ou descobrir o endereço de algum local, mas mesmo quando se procura uma casa para alugar sem contrato de locação, uma vez que a falta de

domínio da linguagem escrita dificulta o acesso desses trabalhadores a tais imóveis. Sobre essa questão, André novamente nos auxilia a compreender a importância da rede de contatos, formada inclusive por amigos que também viveram no Paraguai e retornaram antes dele para o Brasil:

...eu cheguei, tinha um colega meu que morava aqui, daí até nem sabia que eu tinha vindo para cá, daí eu cheguei... numa quinta feira, não[,] acho que foi no..., numa segunda, aí tá, daí eu cheguei, eu cheguei morar lá, falei [para o amigo] “[estou morando] na cidade”, “mas na cidade[,] como?”, que eu morava lá no [bairro] Parque Industrial, daí a mulher falou: “não, vamos lá, assim, daí te mostrar onde que era a rodoviária”, que ela já conhecia, “e vamos comprar uma mesa, um fogão, para nós ver, que nós viemos sem nada”. Aí cheguei ali e encontrei um colega meu [que] falou: “João você quer trabalhar?” eu falei: “Eu quero”. “Então pode trabalhar, começar quinta-feira trabalhando para o cara”. Aí eu entrei trabalhar de servente [de pedreiro]. Aí trabalhei de servente, terminamos de fazer uma casa aí, depois já ficou mais difícil, o... o cara não me pagou e a gente precisava daquilo lá, até que eu consegui arrumar a boia-fria, daí foi..., eu preferi mais trabalhar de boia-fria do que trabalhar de servente daquele cara, que nem a gente não tinha conhecimento de nada né, até que daí eu consegui arrumar serviço com um outro colega [que] falou: “João você quer trabalhar na [nome de empresa omitido pelo autor], tem vaga para você trabalhar lá” aí eu fui trabalhar lá, por mês. Puxado. Aí trabalhei um tempo, depois faliu [...] o cara deu nó lá [não honrou os compromissos], aí... fiquei sem serviço de novo. Aí fui para a boia-fria de novo.

Na situação relatada, respondendo se havia demorado para ele encontrar emprego após a mudança para Marechal Cândido Rondon, André destaca como conseguiu se estabelecer. Apresenta a conquista do primeiro trabalho como algo inesperado e que ocorreu muito rapidamente, antes mesmo de procurar algum serviço. Assim, destaca que um amigo dos tempos em que morou no Paraguai o encontrou por acaso, na loja em que comprou os móveis para a nova casa, amigo este que o auxiliou, indicando-o para trabalhar como servente de pedreiro, atividade muito comum, nesse período, entre os trabalhadores que retornavam ao Brasil. Adiante, o narrador destaca novamente o auxílio de outro amigo para a conquista de um emprego com salário mensal. Tais elementos indicam a importância da rede de contatos formada na cidade, a partir, inclusive, de relações de amizade já estabelecidas anteriormente à mudança, como forma de sobrevivência desses trabalhadores no novo ambiente.

Por outro lado, André constrói seu relato deixando notória a perda de qualidade de vida e as más condições de trabalho que passou a enfrentar. Como afirma, em dado momento chegou a pensar em retornar ao Paraguai, porém foi convencido pela esposa a ficar, pensando no futuro de suas filhas.

As redes de contato e de solidariedades, contudo, não são importantes apenas para a sobrevivência material dos trabalhadores no local. Vanderlei destaca o papel relevante de parentes e amigos para amenizar suas dificuldades de adaptação em Marechal Cândido Rondon, possibilitando-lhe acesso ao lazer:

...Uns dois três meses por aí... só fiquei porquê err... a minha família morava toda aqui, se não eu não tinha ficado. Porque achei difícil tu... não é que nem você estar no interior [na zona rural], no interior tu usa um calção assim, um[a] camisa... o que tu quiser vestir está bom. E na cidade já não, na cidade já tu sai..., mal arrumado... para começar se tu não tem dinheiro tu dentro da cidade não é ninguém também, daí... as primeiras vezes e... não gostei nada, nada da cidade, viu. Por qualquer coisinha estava voltando para trás. Mas depois peguei o costume de... da cidade..., saía com os amigos... ia para baile, ia por... por tudo que é canto, festinha de aniversário, por aí. É, fui pegando o jeito e... até hoje [estou] na cidade, mas se... por acaso tiver algum dia que... resolvo de ir para a cidade, [corrige a informação] para o interior eu mudo de novo. Não desprezo o interior de jeito nenhum, né... mas..., por enquanto eu estou bem aqui... e sei lá..., pode surgir algumas outras coisas melhores, mais tarde né, mais, sei lá.

Vanderlei encontrou certa dificuldade para se adaptar em Marechal Cândido Rondon, problema que permanecia no presente. Na visão do narrador, as formas de sociabilidade, os hábitos e costumes desse local diferiam muito do ambiente em que ele vivia antes. Importante sublinhar que ele contrapõe não Brasil ao Paraguai, mas o campo à cidade, entendendo os hábitos do local onde foi viver como típicos do urbano e aqueles do lugar em que vivia como típicos do campo. Como elementos de contraposição entre ambos os locais, aponta a necessidade de vestir-se melhor e uma maior centralidade do dinheiro na vida cotidiana. Nessa situação de dificuldades de adaptação, a rede de contatos composta pelas amizades e o lazer foram importantes para que ele pudesse melhorar sua relação com o lugar, embora ainda cogitasse um retorno ao rural.

Voltar para o campo, porém, não é uma possibilidade no horizonte apenas de Vanderlei, mas dos três narradores deste trabalho; um desejo nutrido para seu futuro. André guarda uma profunda relação com o meio rural, não rompida completamente em seu processo de mudança. Além de ter trabalhado no campo como volante, ele também chegou a trabalhar em uma chácara, nas proximidades da área urbana. Em vários momentos de sua narrativa deixou claro que se identifica com o campo e entende que na zona rural a vida é melhor, pois compreende que lá seria menos dependente de dinheiro, podendo cultivar produtos para seu consumo e de sua família. Em certo momento,

declara: “..se eu tivesse condições de, de, de arrumar um pedaço de terra, nem nem que [não] fosse minha, só arrendada eu voltava, eu voltaria para a roça de novo”. Questionado se aceitaria retornar ao Paraguai para realizar tal intento, a resposta foi negativa, o que sugere que ele permanece se identificando com o campo, mas entende que um retorno ao país vizinho seria inviável, em virtude das dificuldades lá vividas e que lhe incentivaram a deixar aquele local.

Algo semelhante também é perceptível na narrativa de Carlos que, no entanto, não pretende retornar ao campo para ser agricultor. Sua pretensão era seguir com os estudos, para depois obter um emprego como tratorista em uma fazenda. Conforme aponta, já laborava nessa função no Paraguai, porém no Brasil as exigências eram maiores e seu baixo letramento o impedia de obter tal posto de trabalho. Questionado sobre a possibilidade de retornar ao país vizinho, o narrador deixou claro que não pretendia fazer isso. Sua vontade era retornar ao campo, mas em alguma fazenda brasileira.

Posicionamento diferente possui Vanderlei que, como já vimos, demonstra toda uma predileção pelo campo, para onde afirma somente não ter retornado por conta de sua família, que mora na zona urbana de Marechal Cândido Rondon. Além disso, ele mantém laços com a zona rural da região de Troncal Quatro, para onde viaja de tempos em tempos, nutrindo o desejo de retornar ao campo, assim como os demais narradores, porém, diferentemente deles, considera a possibilidade de retornar para a zona rural do Paraguai – e não se dirigir à do Brasil. Foi o que constatamos ao lhe perguntar sobre um possível retorno ao Paraguai, ao que ele respondeu: “Ah, eu voltaria, se, para o caso de voltar, eu voltaria. Não vou dizer que não voltaria. Voltarei”. Como notamos, ao fim de seu relato, o narrador afirma “voltarei”, no futuro do presente, indicando que tal possibilidade não era algo que ele nutria apenas no plano hipotético, mas era um projeto para seu futuro. Nesse sentido, Silva (2010: 19) destaca em seu trabalho que a mudança para o Brasil não significa uma ruptura com o Paraguai, uma vez que muitos trabalhadores levam uma vida entre as fronteiras, mantendo laços com ambos os países. Este parecia ser o caso de Vanderlei.

Os três, como fica evidente em suas narrativas, vivenciaram o ingresso na cidade como uma experiência de precarização das relações de trabalho. Empregos instáveis, em alguns casos o trabalho como diarista, sem vínculo empregatício, em ofícios que eles não estavam acostumados a desempenhar, com novas exigências – como a escolarização –, somados a novos ritmos de vida, disciplinas sociais e formas de sociabilidade, levam-

nos a sonhar com uma vida diferente. O retorno ao campo – ou ao Paraguai – mais que uma romantização do passado, é um sonho de futuro dessas pessoas, de poder novamente viver e trabalhar no meio onde foram criadas e com a qual se identificam. No caso de Carlos, implica ter o direito de trabalhar na mesma função que desempenhava no Paraguai, da qual foi privado ao regressar ao Brasil.

### **Considerações finais**

Como afirmamos desde o princípio deste texto, cruzar a fronteira significou para nossos narradores mais que mudar de país, representou uma ruptura com hábitos do campo, em prol daqueles da cidade. Suas trajetórias se inserem em um movimento mais amplo, de trabalhadores pobres que vivem dificuldades para se manter no meio rural. A procura de terras no leste do Paraguai e, posteriormente, de emprego nas fazendas desse país e do trabalho urbano na cidade brasileira foi uma experiência compartilhada por muitas outras pessoas.

Suas complexas relações estabelecidas com o urbano, bem como o desejo de voltar ao meio rural, certamente são resultados de um ingresso forçado na cidade. À parte as questões particulares que motivaram cada narrador a deixar o leste do Paraguai, a “opção” pelo trabalho urbano se deu não por um desejo de laborar nesse ambiente, mas pela dificuldade de encontrar serviço no campo no oeste do Paraná, onde permaneciam por estarem próximos a suas famílias.

Nesse sentido, a romantização da vida no campo e o desejo de voltar a trabalhar em atividades rurais não eram simples fabulações. Suas “identidades” (HALL, 2011) – pessoal e profissional – permaneciam de trabalhadores rurais, sendo que suas subjetividades compõem uma “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008: 32). Nesse aspecto, não nos causa estranheza que muitos trabalhadores que viveram no outro lado da fronteira estejam presentes nos movimentos de reivindicação de reforma agrária, lutando para manter-se no campo, agora no lado brasileiro.

Salta aos nossos olhos os silêncios sobre a relação dos narradores com os paraguaios, bem como sobre a dimensão conflituosa de suas vidas no outro país. Lamentavelmente a pesquisa realizada não tinha como objetivo problematizar diretamente a temática da fronteira, por isso as fontes só dão conta desse objetivo parcialmente. Porém, muitas coisas que não questionamos diretamente emergiram

durante a narrativa, como iniciativa dos trabalhadores entrevistados, enquanto tais temas não são comentados.

Entendemos que esse silêncio possui sentidos, não sendo algo fortuito. Deixar de abordar conflitos é algo recorrente em entrevistas orais – sobretudo no local pesquisado –, pois as pessoas tendem a ressaltar as conquistas obtidas através das mudanças de local de moradia, do seu empenho no trabalho e de outros elementos que reforcem uma imagem positiva de si mesmas. Como já observamos em outro trabalho (LANGARO, 2013), ignorar os moradores do país vizinho, bem como os conflitos com autoridades daquele país, é uma postura comum entre brasileiros que viveram no Paraguai, os quais, não raro, se consideram pertencentes a uma cultura superior.

Por outro lado, o silenciamento sobre tais assuntos tem como objetivo negar as relações estabelecidas com a cultura paraguaia. Em certo momento, Carlos nos dá pistas sobre uma possível participação nesse movimento, ao afirmar que se sentia bem estudando por que queria: “lutar pela pátria do Brasil, (...) tem de lutar, né, e vencer. E... e eu... não vou... lutar sozinho, lutar com o povo, o povo com toda força de... do, dos brasileiros, vence[re]mos...”. Nesse momento de seu relato, Carlos apresenta o ato de ir à escola como algo patriótico, um gesto de amor ao Brasil. Entendemos que ele tenta afirmar-se como brasileiro, como quem quer somar forças com seus compatriotas e dar sua contribuição para a sociedade em que vive. As motivações para tal afirmação nacionalista podem estar relacionadas com aquilo que afirma Leandro Baller, sobre os brasileiros que viveram no Paraguai, os quais, em seu retorno, “já não eram mais reconhecidos como brasileiros e, portanto, vêem seus direitos de cidadania serem questionados e sua identidade nacional ser deteriorada” (BALLER, 2008: 16). Ou seja, existe regionalmente uma rejeição a essas pessoas que, por outrora terem deixado o país, são entendidas como desprovidas de direito a benefícios sociais e políticas públicas de saúde, previdência, reforma agrária e moradia. Afirmar sentimentos patrióticos brasileiros, bem como negar as relações mantidas com os paraguaios e seu país é também uma forma desses trabalhadores afirmarem-se como brasileiros, de tentar provar a todos que o fato de terem vivido parte de suas existências no país vizinho não os fez deixar de serem brasileiros. Talvez por isso a vida no Paraguai seja tratada apenas como “o tempo vivido no campo” e não como “o tempo vivido em outro país”.

As difíceis condições de vida encontradas por eles em ambos os países possivelmente teria contribuído para essas construções narrativas. Independentemente do lado da fronteira em que se encontrem, ser trabalhador (vindo) do campo – ser pobre

e (semi)analfabeto – representa o desafio de ter de superar cotidianamente as maiores e mais variadas adversidades.

Antes de concluir, gostaríamos de tecer algumas considerações acerca da relação desses trabalhadores com a EJA. Embora este não tenha sido o foco do trabalho – algo que desenvolveremos em outro artigo, em virtude de sua importância e da profundidade com que pretendemos analisar o tema –, é importante pontuar alguns elementos que nos ficaram patentes ao retornar a essas entrevistas.

Primeiramente, não podemos culpar a infraestrutura do leste do Paraguai – ou o ensino ministrado em língua espanhola – pela condição de (semi)analfabetismo dos narradores, pois, – com exceção de Carlos –, eles chegaram a frequentar a escola no Brasil, antes da emigração. Tal situação se deve mais às dificuldades vividas em ambos os países, principalmente à necessidade de deixar os estudos para auxiliar a família no trabalho rural.

A alfabetização e a escolarização são consideradas importantes por eles, tanto que André deixa claro o incentivo dado as suas filhas para estudarem. Entretanto, a educação de adultos é vista com reticências, tanto que todos os narradores deixaram a escola poucos meses após a entrevista. O que constatamos é que a educação, na forma oferecida pela EJA, não cabe no universo desses trabalhadores, que ao longo de sua trajetória souberam criar estratégias para sobreviver sem serem escolarizados. O próprio impulso para retomar (ou iniciar, no caso de Carlos) os estudos se dá pelo desejo de reconquistar postos de trabalho perdidos no processo migratório transfronteiriço. Nesse caso, adquirir certo nível de escolaridade torna-se mais uma necessidade de obtenção de certificação do que propriamente de aquisição de conhecimentos, pois os narradores já detêm aqueles requisitados à realização de tarefas profissionais (como nos trabalhos de motorista e de tratorista).

Dessa maneira, observamos que eles sofrem uma desvalorização dos saberes adquiridos fora da escola, obtidos ao longo de suas vidas como trabalhadores rurais. Em suas trajetórias, eles se esforçam para que seu trabalho manual seja valorizado, sendo essa também uma de suas lutas cotidianas, que se manifesta em suas memórias. Portanto, relatar, de forma romantizada, a vida no leste do Paraguai também é uma forma de exaltar uma sociedade onde seus saberes aprendidos nos espaços extraescolares eram minimamente valorizados.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BALLER, Leandro. *Cultura, identidade e fronteira: transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. Dourados/MS: UFGD, 2008. (Dissertação de Mestrado em História).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro. Introdução. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo: Olho d'água, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Paraná: Marechal Cândido Rondon*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411460&search=parana|marechal-candido-rondon>. Acesso em: 31 de março de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Paraná: Vera Cruz do Oeste*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=412855&search=parana|vera-cruz-do-oeste>. Acesso em 31 de março de 2014.

LANGARO, Jiani Fernando Langaro. Entre o campo e a cidade: Brasil e Paraguai em memórias e narrativas orais de migrantes transfronteiriços (Santa Helena – PR, décadas de 1990 e 2000). *Tempos Históricos*, Cascavel/PR, UNIOESTE, v. 17, pp. 258-288, 2. Semestre de 2013.

LANGARO, Jiani Fernando. *Escolarização, Trabalho e Vida Urbana em Marechal Cândido Rondon*. Pesquisa de Iniciação Científica financiada pelo PIBIC/UNIOESTE/PRPPG, orientada pelo Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Geni Rosa Duarte, do Centro de Ciências Humanas, Educação e Letras da UNIOESTE.

LANGARO, Jiani Fernando. *Peregrinos e Calejados: Experiências de escolarização entre as classes trabalhadoras em Marechal Cândido Rondon (PR)*. Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 2003. (Trabalho de conclusão de curso em História).

LANGARO, Jiani Fernando. *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do Oeste do Paraná*. Uberlândia/MG: INHIS/UFU, 2006. (Dissertação de Mestrado em História Social).

LAVERDI, Robson. *Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores na paisagem social do extremo oeste Paranaense (1970-2000)*. Curitiba: Aos quatro ventos, 2005. p. 130.

MYSKIW, Antonio Marcos. *A fronteira como destino de viagem: a Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Niterói/RJ: UFF, 2009. (Tese de Doutorado em História Social).

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro, UFF, v.1, n.º 2, pp. 59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 14, pp. 7-24, fevereiro de 1997. (a)

\_\_\_\_\_. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 15, pp. 13-33, abril de 1997. (b)

\_\_\_\_\_. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 10, pp. 41-58, dezembro de 1993.

SILVA, Danusa Lourdes Guimarães da. “*Um pé aqui e outro lá*”: experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios (Marechal Cândido Rondon/PR – 1990-2010). Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 2010. (Dissertação de Mestrado em História).

SPRANDEL, Marcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. *Estudos Avançados*. São Paulo, UNESP, n. 20 (57), pp.137-156, 2006.

THOMPSON, Edward P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMSON, Alistair. Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoal e políticos com o passado do exército nacional. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 16, pp. 277-96, fevereiro de 1998.

\_\_\_\_\_. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*. São Paulo: PUC/SP, n.º 15, pp. 51-71, abril de 1997.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1979.

ZIENTARA, Benedict. Fronteira. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 14. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1989. p. 307.

### **ENTREVISTAS ORAIS**

Carlos (nome fictício), metalúrgico, morador do Jardim das Torres de Marechal Cândido Rondon-PR. A entrevista foi realizada em 07 de dezembro de 2002, quando ele contava 29 anos.

André (nome fictício), serviços gerais, morador do Jardim Ana Paula de Marechal Cândido Rondon-PR. A entrevista foi realizada em 20 de novembro de 2011, quando ele contava 32 anos.

Vanderlei, servente de pedreiro, morador do Jardim das Torres de Marechal Cândido Rondon-PR. A entrevista foi realizada em 29 de novembro de 2002, quando ele contava 24 anos.

Data de recebimento: 03/06/2014

Data de aceite: 12/12/2014